



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE TOCANTINÓPOLIS
CURSO DE GRADUAÇÃO DE CIÊNCIAS SOCIAIS**

RAQUEL ANGELINO DA SILVA

**O *BULLYING* COMO DISCURSO CIVILIZADOR: UMA ANÁLISE SOCIOLÓGICA
DO PROGRAMA “CONTE ATÉ DEZ NAS ESCOLAS”**

TOCANTINÓPOLIS - TO

2018

RAQUEL ANGELINO DA SILVA

**O *BULLYING* COMO DISCURSO CIVILIZADOR: UMA ANÁLISE SOCIOLÓGICA
DO PROGRAMA “CONTE ATÉ DEZ NAS ESCOLAS”**

Monografia apresentada à UFT – Universidade Federal do Tocantins – *Câmpus* Universitário de Tocantinópolis para obtenção do título de graduação em Ciências Sociais, sob orientação da Prof^ª. Dr^ª. Paula Marcela Ferreira França.

TOCANTINÓPOLIS - TO

2018

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins

S586b Silva, Raquel Angelino .

O BULLYING COMO DISCURSO CIVILIZADOR: UMA ANÁLISE SOCIOLOGICA DO PROGRAMA "CONTE ATÉ DEZ NAS ESCOLAS" . / Raquel Angelino Silva. – Tocantinópolis, TO, 2018.

46

f
Monografia Graduação - Universidade Federal do Tocantins – Câmpus Universitário de Tocantinópolis - Curso de Ciências Sociais, 2018.

Orientadora : Dr^a Paula Marcela Ferreira França

1. Bullying. 2. Dispositivo psi. 3. Acusações sociais. 4. Processo civilizador. I. Título

CDD 300

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFT com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

RAQUEL ANGELINO DA SILVA

O *BULLYING* COMO DISCURSO CIVILIZADOR
UMA ANÁLISE SOCIOLÓGICA DO PROGRAMA “CONTE ATÉ DEZ NAS ESCOLAS”

Monografia apresentada como requisito para obtenção do grau de licenciatura plena em Ciências Sociais, creditado pela Universidade Federal do Tocantins, *Câmpus* de Tocantinópolis, sob a orientação da Profª Drª. Paula Marcela Ferreira França.

Data de Aprovação 10 / 12 / 2018

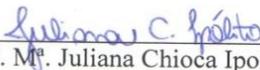
Banca examinadora:



Profª Drª. Paula Marcela Ferreira França - UFT



Profª. Drª. Klivia de Cássia da Silva Nunes - UFT



Profª. Mª. Juliana Chioca Ipolito - UFT

Aos meus pais Raimundo Nonato e Maria de Jesus, por todo apoio, amor e dedicação para tornarem meu sonho possível. Ao meu querido avô (in memoriam). À minha querida avó que sempre me incentivou. Ao Harthur que sempre foi um grande companheiro e parceiro de todas as horas pela paciência e sua capacidade de me trazer paz na correria de cada semestre. A toda minha família que sempre me apoiou. Por fim dedico este trabalho a todos aqueles afetados direta ou indiretamente pelo *bullying*.

AGRADECIMENTOS

Toda pesquisa tem, ao final, uma autoria. Mas, ao longo do caminho difícil que se percorre para concretizá-la, muitas mentes pensam, mãos trabalham e corações pulsam com um misto de medo, insegurança, preocupação e ansiedade. Finito o trajeto, sou primeiramente a Deus pelo dom da vida, e por tudo que tem feito e continua a fazer por mim. Por ter me guiado nessa jornada e concedido o dom da sabedoria. Aos meus pais, Maria de Jesus e Raimundo Nonato, pelo amor, incentivo e apoio incondicional que sempre se empenharam em me proporcionar uma educação digna, por não abrirem mão da minha formação, me incentivar em todos os aspectos da minha vida e pelas incontáveis contribuições para realização deste sonho. A minha avó Antônia por todo apoio, moral e financeiro durante esses anos de formação. Ao meu avô Raimundo (in memoriam) por ter me ensinado valores que carrego comigo em todos os momentos. Obrigada por sempre me falar que nunca seria fácil, mas, para nunca desistir. Esse foi o melhor conselho para que eu persistisse até o final do curso.

A todos os meus familiares e amigos, por me fazerem acreditar que todo sonho só se conquista com muita dedicação e esforço em especial, aos meus irmãos: Rangel, Raniel e o pequeno Pedro Henrique que nos momentos de minha ausência dedicados ao estudo superior, sempre fizeram entender que o futuro é feito a partir da constante dedicação no presente. Obrigado tios e tia pela contribuição valiosa. Agradeço ao meu companheiro Harthur que jamais me negou apoio, carinho e incentivo, obrigado pela compreensão, amor, e solidariedade inefável. Pela paciência comigo e consolo nos dias difíceis, pelas vezes em que se deslocou para me buscar na universidade e por suportar tantas crises de estresse e ansiedade.

Aos meus amigos que entenderam e sempre estiveram ao meu lado durante esse período de muitos esforços e correria: Fernanda por ser responsável pela descoberta de que meu nome constava na lista de aprovados no vestibular. Aldeide, Renata, Nicole, por sempre me alegrar nos momentos de desânimo.

Aos meus amigos de universidade que estiveram desde primeiro semestre de 2013 comigo. Janeide e Márcia que estiveram comigo todo esse percurso. Laylson, pelo auxílio nas dúvidas recorrentes em todo trajeto acadêmico, a Caroline que sempre me ajudava com as referências.

A professora, orientadora Paula Marcela Ferreira França, lembro-me que desde a primeira vez que lhe falei sobre minha proposta de pesquisa, mesmo já sendo pensado um pré-projeto com outra orientadora aceitou me orientar e juntas percorremos um caminho não muito

simples, embora de muitas descobertas e aprendizado. Grata por todos, os ensinamentos, pelas dicas riquíssimas, e por sempre está disposta a me orientar mesmo que pela rede social. Levarei comigo todos os ensinamentos preciosíssimos de uma professora que observar em seus alunos a capacidade de aprendizagem o que contribui muito para mais um passo do meu desenvolvimento universitário.

Agradeço a professora Karina com quem iniciei o primeiro pré-projeto que foi quando desenvolvi meu tema. A professora Liza Basílio por em um momento bem difícil e comum no primeiro semestre acadêmico, o pensamento em desistir, ter sido por tantas vezes minha psicóloga, graças a você não desisti e consegui chegar ao final do curso.

A Universidade Federal do Tocantins- Campus de Tocantinópolis, Por me proporcionar um ambiente criativo, agradável e motivador aos estudos, sou grata a cada membro do corpo docente, à direção e a todo corpo administrativo, técnicos, supervisores e terceirizados dessa instituição de ensino que diariamente trabalham para o funcionamento da mesma.

Tira suas
mãos de mim,
Eu não pertenço a você,
Não é me dominando assim,
Que você vai me entender,
Eu posso estar sozinho,
Mas eu sei muito bem aonde estou
(...)

Será só imaginação?
Será que nada vai acontecer?
Será que é tudo isso em vão?
Será que vamos conseguir vencer?

SERÁ- Renato Russo

Ainda vai levar um tempo
Para fechar
O que feriu por dentro
Natural que seja assim
Tanto pra você
Quanto pra mim...

Ainda leva uma cara
Pra gente poder dar risada
Assim a caminha a humanidade
Com passos de formiga
E sem vontade...

ASSIM CAMINHA A HUMANIDADE-

Lulu Santos

RESUMO

O presente trabalho tem como analisar os aspectos que envolvem as ambiguidades do termo *bullying* no processo de ocultação de relações de poder nas relações pessoais e conflitos presentes em diversos campos. Temos como objeto de análise de material do programa “*Conte até dez nas escolas*”. Observamos que ações como essa exercem um controle sobre subjetividades, à medida que ignoram aspectos socioculturais importantes das trajetórias de vida sobre as quais incidem. Buscamos novas reflexões sobre o fenômeno *bullying* com o propósito de promover um aprofundamento da discussão em torno do termo, uma vez que se aponta uma tendência em manter a definição de *bullying* como sendo apenas um comportamento ligado a agressividades física e psicológica e que possui várias formas de manifestação, em detrimento de uma aceitação das relações de poder que dão vida a conflitos sociais e interpessoais. É importante enfatizar que a identificação de determinados conflitos como *bullying* tem também aspectos positivos, pois, conflitos ignorados passam a serem percebidos e de algum modo enfrentados. Tendo como método central desta investigação a análise de discurso e análise de conteúdo, através dos resultados obtidos se evidenciou como o dispositivo *bullying* é instituído como técnica de governo, um dispositivo *psi* que ao invés de controlar e erradicar a violência acaba por reproduzi-la. Percebemos que o uso do vocábulo para a identificação dos conflitos escolares entre alunos é uma alternativa para diferenciar este tipo de violência de outras formas de violência. Mas, é necessário conhecermos e entendermos os fenômenos assim identificados desde as estruturas sociais que os formam até as consequências que geram para os envolvidos e os artificios de combate ao problema.

Palavras-chaves: *Bullying*. dispositivo *psi*. Processo. Civilizador.

ABSTRACT

The present work has as an analysis the aspects that involve the ambiguities of the term bullying in the process of concealment of relations of power in the personal relations and prevailing conflicts in several fields. We have as object of material analysis of the program "Count up to ten in schools". We observe that actions like this exert a control over subjectivities, as they ignore important sociocultural aspects of the life trajectories on which they affect. We seek new reflections about the bullying phenomenon with the purpose of promoting a deepening of the discussion around the term, since a trend is pointed out in maintaining the definition of bullying as being only a behavior linked to physical and psychological aggression and that it has several forms of manifestation, to the detriment of an acceptance of the relations of power that give life to social and interpersonal conflicts. It is important to emphasize that the identification of certain conflicts as bullying also has positive aspects, because ignored conflicts are perceived and somehow confronted. Having as a central method of this research the analysis of discourse and content analysis, through the obtained results was evidenced how the bullying device is instituted as a government technique, a psi device that instead of controlling and eradicating violence ends up reproduce it. We have noticed that the use of the word for the identification of school conflicts among students is an alternative to differentiate this type of violence from other forms of violence. But it is necessary to know and understand the phenomena thus identified from the social structures that form them to the consequences they generate for those involved and the artifices to combat the problem.

Key words: Bullying. psi devices. Civilizing. Process.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	12
2 O QUE É O <i>BULLYING</i>.....	15
2.1 A Subjetividade como Instrumento de Saber.....	19
3 EPISÓDIOS DE VIOLÊNCIA FÍSICA NO BRASIL QUE FORAM ASSOCIADOS AO <i>BULLYING</i>.....	25
3.1 Massacre de Realengo.....	25
3.2 Tragédia no Colégio Goyases em Goiânia.....	27
4 CONTE ATÉ DEZ NAS ESCOLAS.....	29
5 CONTE ATÉ DEZ NAS ESCOLAS: PERSPECTIVA DISCURSIVA E ANÁLISE DE CONTEÚDO.....	31
5.1 Civilização e Descivilização.....	35
5.2 Dispositivos de Governamentalidade.....	37
5.3 Dominação Social.....	38
6. CONSIDERAÇÃO FINAIS.....	42
REFERÊNCIAS.....	43

1 INTRODUÇÃO

O interesse em conhecer melhor sobre o assunto surgiu na Educação Básica, em Santa Terezinha do Tocantins. Como aluna eu presenciava cenas de violências, em sua maioria verbal, e isso despertou a curiosidade em entender as situações de maus tratos nas relações entre estudantes dentro da escola. Ao adentrar a universidade, no curso de Licenciatura em Ciências Sociais, o desejo em descobrir como as ciências humanas dão enfoque a esse tema tornou-se mais intenso. Isso ocorreu no segundo semestre do ano de 2013, quando ingressei na graduação pela Universidade Federal do Tocantins (UFT) *campus* de Tocantinópolis. No decorrer do curso, tive a oportunidade de expandir minha visão sobre o mundo, propiciada pelos estudos das áreas de Sociologia, Antropologia e Ciência Política. Logo no segundo ano de faculdade, na disciplina de Metodologia da Pesquisa em Ciências Sociais, a professora Paula Marcela Ferreira França, em uma das avaliações, pediu que elaborássemos uma hipótese de pesquisa, daquilo que possivelmente viria a ser o nosso trabalho de conclusão de curso.

Com essa tarefa em mente, ciente do que ansiava analisar, fiz um esboço e entreguei à professora. Disciplina encerrada, minha primeira etapa para início da pesquisa sobre o fenômeno do *bullying* já havia sido cumprida. O próximo passo era encontrar um (a) professor (a) para orientação na elaboração e correção do projeto de pesquisa.

Assim, conversei com a professora Karina Almeida de Sousa, que coordenava o grupo de pesquisa Grupo de Estudos Sobre Raça e Temas Educacionais (GEERT). O projeto foi concluído com o seguinte título: *Bullying* e preconceito racial: reflexões das ciências sociais para um debate em curso. Porém, por questões de qualificação profissional a professora Karina precisou se ausentar para seu doutorado, ficando temporariamente afastada de suas atividades, e não pôde continuar a me orientar.

O projeto então elaborado sob a supervisão da professora Karina ficou parado, até que surgiu uma nova oportunidade de orientação com a professora Paula Marcela, coordenadora do Grupo de Pesquisas em Violência, Conflitos e Criminalidade (CONCRIVI). A pesquisa foi então iniciada e o projeto sofreu algumas modificações, de modo que a pesquisa realizada não foi concentrada nas questões raciais, como inicialmente planejado.

A priori foi realizado um levantamento sobre o *bullying* nas ciências sociais em pesquisas divulgadas em artigos de anais de eventos nacionais, porém, percebi que essa não é uma categoria privilegiada nessa área, por que não aponta para questões estruturais, de estratificação

social, para questões sociais. Mas, é um dispositivo de controle dos envolvidos que desconSIDERAM muito das questões sociais envolvidas nesses conflitos, questões de poder estas de raça, de gênero entre outras.

Desse modo, a presente pesquisa pretende seguir a metodologia de análise discurso e de conteúdo. Nesse sentido o objetivo geral desse texto é analisar um material que foi elaborado pelo Conselho Nacional do Ministério Público (CNMP), em parceria com a Estratégia Nacional de Justiça e Segurança Pública (Enasp), o Conte até dez nas escolas. Este material foi adotado pela Secretaria de Educação do Estado do Tocantins, à luz das teorias dos autores (as) Juliane Bazzo, Michel Foucault e Nobert Elias, observarei, o *bullying* como discurso civilizador: uma análise sociológica do programa “conte até dez nas escolas” . Que trabalha com a intenção de esclarecer a ideia de que violências não são apenas físicas, existe também a violência moral, como o dispositivo *bullying* que provavelmente obscurece desigualdades e violências socioculturais, e como é organizado o controle da sociedade e dos instintos dos indivíduos.

A análise será de material bibliográfico, e de antemão já destaco a importância de desenvolver no corpo do trabalho a análise de (Foucault,1988) do dispositivo da sexualidade. Pois, a sexualidade sofre um tipo de repressão ligado diretamente a uma dominação conservadora ,assim como, também as formas de violência, e que é usada como certo “poder” de determinar mesmo que, quase imperceptíveis, as condutas individuais.

Na primeira parte destaco uma breve apresentação da definição a cerca do tema, pondo em ênfase ao processo do mesmo na construção subjetividade como instrumento de saber. Apresento esse assunto como tema que identifica episódios de violência física no Brasil.

Na segunda parte, adentro no contexto histórico sobre o site que divulga a campanha que capacita docentes para aderirem a conteúdos que incentive a propagação da não violência, o programa Conte até dez nas escolas, abordando qual cenário ao qual se instalou esse programa. Relato quem são os inventores da campanha, qual seu público alvo, como é efetuado a inscrição, como é realizada o curso de capacitação. Destaco as funções de cada sessão de acesso do *site*, e faço análise de conteúdo e discursiva da cartilha eletrônica.

Na terceira parte trago a análise discursiva e de conteúdo sobre o *site* Conte até dez nas escolas, a violência vista em uma abordagem civilizatória e descivilizatória, de um dispositivo de governamentalidade. Assim como destaco a mesma como forma dominação social, por meio de termos racistas, e de questões de gênero.

E finalmente, as considerações finais, em que apresento as questões relevantes a respeito da temática discutida, e por mim consideradas contínuas no sentido de que assim como os meios

sociais e de comunicação, as relações sociais, “violentas” estão sempre em constante transformação.

2 O QUE É O *BULLYING*

Embora já se ouvisse falar bastante sobre bullying nos meios de comunicação social e em estudos internacionais o termo *bullying* surge no Brasil com mais força a partir do final da década de 90 e início do ano 2000 como apresenta Pigozi; Machado, (2015), embora, é claro, antes disso muitas crianças e jovens que já estiveram envolvidos em episódios agressivos, no papel de vítimas ou de agressores. Então, nada mais justo que em vários países a agressão entre pares designada pelo termo *bullying* seja motivo de estudos nas últimas décadas de forma persistente e propositalmente.

A violência em suas mais variadas manifestações, de acordo com Costa e Vale (1998), como a própria violência escolar, pode ter sentido multifacetado e ser interpretada de diversos modos. Este fenômeno se manifesta em reações intolerantes como, mau comportamento, aversão às diferenças cognitivas, culturais e sociais, o *bullying*, entre outros. Quando descrita por meio do termo *bullying*, a violência em foco nos remete a vivências escolares como a exclusão, perseguição e risos de deboche. Posto isto, Bazzo (2017), citando Olweus (2006), lembra que *bullying* é um termo derivado da palavra *bully* que significa “valentão” ou “brigão” e acentua ainda que é este um mote imposto cientificamente a partir da década de 70 que vem conquistando espaço com intuito de reconhecer as agressões entre atores do universo escolar. Embora já houvesse vestígios de debates sobre *bullying* no campo educacional, segundo Bazzo (op.cit.): “No Brasil, o termo cunhado por Olweus experimenta uma vultosa popularização somente ao longo dos anos 2000 (p. 210)”.

Logo após o período de ascensão dos estudos sobre o *bullying* no mundo, a partir do ano de 1970, segundo Velez (2010), Dan Olweus continua com seus estudos sobre o fenômeno com intento de estabelecer uma possível relação do termo inglês no Brasil aos casos de violências como ameaça e humilhação. Segundo Olweus (*apud* Velez, 2010)¹, Maria Fernanda Velez definiu *bullying* como “ações negativas”, que podem ir se mostrando repetidamente, e que esses atos assim são produzidos quando alguém tem intenção de praticá-los, causando constrangimentos, feridas e incômodo a outra pessoa. Estas “ações negativas”, segundo Olweus (1993), podem resultar em agressões físicas, palavras ou gestos atroz e também a exclusão de determinado grupo, podendo ser invenção de um único indivíduo ou de um grupo de sujeitos.

¹ Olweus, D. (1993). *Bullying at school. What we know and what we can do*. Oxford: Blackwell

A busca por definir o termo *bullying* continua. Segundo Velez (2010), após o *bullying* ter se popularizado nos anos 70, Olweus trouxe em 2006 uma nova definição, que marcava o “desequilíbrio de poder entre agressor e vítima”, resultado da tortura contínua, que se estabelece como que em um ritual de uma pessoa ou (grupo) de pessoas sobre outras

[...] afirmando que para que exista *bullying* é necessário que a vítima se sinta ameaçada e salienta que o sentimento de intimidação constitui a chave para determinar se existe ou não este tipo de comportamento. O autor refere que existem quatro requisitos a que este tipo de violência escolar, perpetrado através de agressões físicas ou da intimidação, deve cumprir para ser tipificado como *bullying*: – Deve ocorrer entre pares; – Deve verificar-se um desequilíbrio de poder; – Deve repetir-se no tempo; – Deve ser intimidatório. (VELEZ, 2010, p. 48)

Pode-se dizer que antes da popularização do termo *bullying*, as discordâncias, os xingamentos, a timidez resultante das ofensas em ambientes escolares eram frequentemente considerados comuns. Como já mencionado, o termo *bullying* teve origem no norte europeu, mas, chegou ao Brasil formulado segundo a cultura estadunidense (Marafon, Scheinvar, Nascimento (2014). A adoção do termo no Brasil foi marcada pelo avanço de pesquisas nos centros de estudos e mesmo sofrendo críticas de que os estudos sobre *bullying* não teriam resultados, pesquisadores persistiram na divulgação de seus trabalhos, com objetivo de tornar perceptíveis os conflitos em questão nos contextos escolares.

Atualmente, o agenciamento do termo *bullying* se desenvolve enquanto estratégia que favorece os modos de governo ocidental, enquanto dispositivo *psi* de feições neoliberais, produzindo “efeitos performativos” sobre a realidade, o que será explicado adiante. Bazzo (2018) em sua tese discorrerá Quanto aos termos “dispositivo” e *psi*. Lembrará que Giorgio Agamben(2005) relembra a definição que surge na obra de Foucault de 1979, quando o mesmo volta-se a pensar sobre o governo dos homens e/ou governamentalidade. O termo *psi* é trabalho por Nikolas Rose (2011) usado para nomear os modos de pensar e agir demarcados no Ocidente pelas áreas de saber: psicologia, psicanálise, psiquiatria, etc.

Paralelamente, a partir de meados do século XVIII e após a segunda guerra mundial o modelo de vida brasileiro persegue padrões capitalistas que estimulam a concorrência e legitimam a ideia de que a sociedade é composta por vitoriosos e derrotados, ou seja, enquanto alguns ganham outros perdem. Entram em jogo neste contexto ideais de beleza, de consumo bens materiais e da adoção de comportamentos que apenas alguns conseguem alcançar, aqueles por fim avaliados como os melhores, restando a carência desses atributos para aqueles que são avaliados como os piores Marafon, Scheinvar, Nascimento (2014). Vários tipos de estratificação social estão em jogo.

Todos esses conflitos e diferenças de algum modo existiam encobertos e talvez fossem resolvidos pelos próprios envolvidos, sem que houvesse qualquer enfrentamento dos mesmos como situações a serem problematizadas e para as quais seriam necessárias respostas institucionais ou coletivas. No entanto, o agenciamento do conceito possui outras consequências, diríamos menos positivas, como Marafon, Scheinvar e Nascimento (2014) esclarecem que

Quando se diz que houve *bullying* não há mais opções, pois as possibilidades das relações humanas que pensaríamos múltiplas são abortadas em favor do seu enquadramento em um único sentido: “foi *bullying*!”. Isto basta. Ficam implícitas as intenções e as decorrências, perdendo-se completamente as singularidades. *Bullying* passou a ser uma repetição, sem diferença. Um modelo de comportamento e de efeitos que, por ser uma forma de enquadramento, não produz curiosidade, dúvida, pois é abordado de forma naturalizada. (MARAFON, SCHEINVAR, NASCIMENTO, 2014, p.96).

Esse enquadramento nem sempre acontece de forma deliberada. No entanto, o *bullying* não mais opera como um simples conceito, mas, como um indício de um conjunto de relações, desígnios e afins. O discurso do *bullying* parece estar arraigado à presteza de *poder e biopoder*, como observa Foucault, o primeiro estando ligado a conhecimentos que seriam a base e a justificativa na realização de determinada ação e o segundo atuando como receptor do poder, transformando o mesmo em normas disciplinantes, controladoras e fiscalizadora das respectivas condições (Foucault, 1979).

Agressor e vítima são aí reconhecidos como portadores de anomalias, ou melhor, sujeitos patológicos. E as possibilidades de resolução são a punição e medicalização. Entram em ação as esferas judiciais e extrajudiciais como psiquiatria, psicologia, entre outras. (Marafon; Scheinvar; Nascimento, 2014).

Em decorrência do modo como os conflitos são percebidos por meio da categoria *bullying*, a correção e inspeção das ações por meio dos especialistas da psicanálise e da psicologia, de seus possíveis diagnósticos, de suas questões e capacidades técnicas e científicas são privilegiados. E a problematização acerca da experiência e representação social a qual é possível estabelecer uma ponte entre sujeito e realidade, individuo e sociedade perde espaço. No entanto, cabe lembrar que os agentes sociais norteados pela noção de *bullying* geralmente tem unicamente a intenção de diminuir conflitos e agirem de maneira virtuosa. Ademais, a noção, desde que problematizada, pode ganhar um caráter tático de desvelamento de conflitos, que de outro modo não seriam admitidos.

Como analisa Bazzo (2017) considerando as contribuições de Bourdieu e Passeron (1996) “não podemos desconsiderar a possibilidade, para além destas constatações, de que a intervenção para diminuir ou aliviar conflitos, dirigida pelo agenciamento da noção de *bullying*, pode ser ineficaz ou até mesmo alavancar novos conflitos, porque desconsidera a escola como

um espaço que exerce o “monopólio escolar da violência legítima”, ou seja, não critica o fato de que o agenciamento da noção não chega a problematizar a violência moral presente na própria instituição escolar”. No entanto, o dispositivo revela uma tentativa de contenção de conflitos que ainda parece um avanço porque por meio dele há o reconhecimento dos conflitos.

Neste sentido, a categoria *bullying* pode ser entendida como um *dispositivo psi*. Bazzo (2017) baseando-se nas formulações da autora Rose (2011) explica o que isso significa. Primeiramente deixa claro que o *bullying* enquanto construto científico formatado inicialmente no campo da psicologia atua como artefato difuso de administração de subjetividades, ou melhor, sendo os sujeitos “objeto” emoldurados conforme os saberes das ciências, nem sempre de forma direta, mas frequentemente com a intermediação dos veículos de comunicação. Ou seja, o agenciamento da noção *bullying* transpõem limites, padrões e regras científicas e se reproduz em vivências do cotidiano.

Bazzo (op.cit.), em seu estudo sobre a noção de agenciamento do *bullying*, traz uma narrativa etnográfica das experiências de um aluno chamado Lucas, estudante de uma escola pública do Estado do Rio Grande do Sul, para explicar como a adesão ao dispositivo, esclarece a genealogia da história, a real narrativa do conceito, ou melhor, como se dá o processo de formação de determinada ideia e se naturaliza em uma determinada sociedade, tempo e espaço. A análise das subjetividades é um dos principais métodos utilizados para controle dos conflitos, quando estes últimos são percebidos como *bullying*.

Lucas, negro e pobre, era associado por professores a comportamentos inapropriados e incivilizados. Essas representações geravam uma série de conflitos. Uma professora nova, chegando à escola, começa a problematizar esses conflitos e identifica o garoto como vítima de *bullying*. Uma série de medidas começa a ser tomadas a partir daí para que os demais colegas comecem a respeitar o colega, inclusive dinâmicas entre os alunos para que eles assumissem como inapropriado o comportamento de rejeição que tinham com Lucas.

Posto isto, contemporaneamente o *bullying* no papel de *dispositivo psi* atua estimulando os indivíduos a terem governo sobre si mesmo, considerando-os indivíduos livres e ao mesmo tempo capazes de evitar conflitos e agenciar a paz social.

Assim, conforme Bazzo (2017), os dispositivos *psi* agenciam modos de pensar e agir dentro das sociedades ocidentais modernas, sendo protagonizados pelas ciências que estudam o psicológico como a psicologia, psicanálise e etc. Desta forma o modo como os indivíduos contemporâneos se posicionam nas relações sociais costuma ser influenciado e controlado por esses dispositivos *psi*, que perpassam técnicas, práticas, vocabulários, comportamentos e pensamentos.

Segundo uma compreensão do *bullying* à luz de uma reflexão de Foucault (1988), conforme citado por Marafon; Scheinvar, Nascimento (2014), podemos compreender o agenciamento da categoria como um componente de saberes que configuram relações de poder de maneira que

Entendemos a formação dos saberes que se ocupam da vida humana em termos de poderes, pois se dão em meio a correlações de forças imanentes ao domínio no qual se exercem e são constitutivas da sua organização. Lutas e afrontamentos as transformam, reforçam, invertem, fazem encontrar apoios umas nas outras, formam cadeias ou sistemas, ou ainda, defasagens e contradições que as isolam (MARAFON, SCHEINVAR; NACIMENTOS, p. 97).

Isto é, do mesmo modo que Olweus apresenta o *bullying* como um comportamento que ocorre em um relacionamento onde há desequilíbrio de poder entre as partes envolvidas, Foucault dá ênfase à subjetividade como sendo aparelho de saber. Em sua obra *A história da sexualidade 1- A vontade de saber* Michel Foucault estuda a construção do que ele denomina dispositivo de sexualidade, analisa como o modo ocidental atual de olhar para a sexualidade que se construiu, por exemplo, de onde surgiram as categorias do que é normal e do que é anormal dentro das sexualidade.

2.1 A subjetividade como instrumento de saber

Durante muito tempo vigorou e de certa maneira ainda vigora a ideia de que a heterossexualidade é prática sexual normal e o que não condiz a isso estaria incluso no campo da anormalidade. Partindo da modernidade Foucault (1988), começa a investigar o que é chamada de hipótese repressiva. A percepção de que o ocidente produziu uma repressão poderosa sobre a sexualidade com isso

[...] a repressão funciona, decerto, como condenação ao desaparecimento, mas também como injunção ao silêncio, afirmação de inexistência e, conseqüentemente, constatação de que, em tudo isso, não há nada para dizer, nem para ver, nem para saber. (FOUCAULT, 1988, p. 9).

Foucault questiona a hipótese da repressão afirmando opostamente que o ocidente foi o único lugar que construiu espaços que serviram para colocar a sexualidade em discurso onde as pessoas poderiam transformar suas experiências e suas angústias do que diz respeito ao campo da sexualidade em evidência.

Foucault (1988) defende que a sexualidade pode ser pensada em outros moldes. Faz uma crítica ao discurso da sexualidade que afirma haver sobre o sexo uma forte repressão que distancia o indivíduo de sua própria liberdade apontando resumidamente que

Em suma, gostaria de desvincular a análise dos privilégios que se atribuem normalmente à economia de escassez e aos princípios de rarefação, para, ao contrário, buscar

as instâncias de produção discursiva (que, evidentemente, também organizam silêncios), de produção de poder (que, algumas vezes têm a função de interditar), das produções de saber (as quais, frequentemente, fazem circular erros ou desconhecimentos sistemáticos); gostaria de fazer a história dessas instâncias e de suas transformações. (FOUCAULT, 1988, p. 17)

É importante destacar que embora Foucault demonstre sua recusa em compreender a sexualidade a partir da repressão sobre o sexo, suas críticas não visam negar de fato a existência de certa proibição em torno do sexo, o que ele não concorda é que a história do sexo na modernidade fique reduzida apenas a elementos repressivos.

Michel Foucault (1988) escreve a obra *História da sexualidade 1: A vontade de saber* com o propósito de conceber e reconfigurar as interpretações supostas de poder, tenta distanciar-se de uma concepção fixa carregada que vem de muitas teorias modernas sobre a relação direta de poder como repressão e aproximar-se do poder como produção destacando que

[...] o ponto importante será saber sob que formas, através de que canais, fluindo através de que discursos o poder consegue chegar às mais tênues e mais individuais das condutas. Que caminhos lhe permitem atingir as formas raras ou quase imperceptíveis do desejo, de que maneira o poder penetra e controla o prazer cotidiano — tudo isso com efeitos que podem ser de recusa, bloqueio, desqualificação, mas, também, de incitação, de intensificação, em suma, as "técnicas polimorfos do poder". Daí, enfim, o fato de o ponto importante não ser determinar se essas produções discursivas e esses efeitos de poder levam a formular a verdade do sexo ou, ao contrário, mentiras destinadas a ocultá-lo, mas revelar a "vontade de saber" que lhe serve ao mesmo tempo de suporte e instrumento. (FOUCAULT, 1988, p. 16-17)

Pensar poder como repressão é um poder que surge frente a uma ação, então ao desejar o sexo, vem o poder e o reprime? Quando na verdade para Foucault o desejo surge juntamente com a repressão, só existe desejo por que tem repressão e só existe repressão por que existe desejo. É nesse sentido que o poder é produtivo, ele próprio produz o desejo e ele próprio produz a repressão. A própria ideia de produção tem uma dinâmica da ação e para Foucault pensar o poder como ação também é fundamental. Foucault (1988) instiga os leitores a olhar para o dispositivo da sexualidade para perceber os objetos do poder, pontuando que

O poder está em toda parte; não porque englobe tudo e sim porque provém de todos os lugares. E "o" poder, no que tem de permanente, de repetitivo, de inerte, de auto-reprodutor, é apenas efeito de conjunto, esboçado a partir de todas essas mobilidades, encadeamento que se apóia em cada uma delas e, em troca, procura fixá-las. [...] o poder não é uma instituição e nem uma estrutura, não é uma certa potência de que alguns sejam dotados: é o nome dado a uma situação estratégica complexa numa sociedade determinada. [...] o poder não é algo que se adquira, arrebate ou compartilhe algo que se guarde ou deixe escapar; o poder se exerce a partir de inúmeros pontos e em meio a relações desiguais e móveis; [...] o poder vem de baixo; isto é, não há, no princípio das relações de poder, e como matriz geral, uma oposição binária e global entre os dominadores e os dominados, [...] onde há poder há resistência (FOUCAULT, 1988, p.88-89).

Foucaultianamente falando poder emerge na vontade que está relacionada ao fazer, não é algo que se prende, que você tenha, não é uma pessoa, nem instituição, nem localidade, não

põe em referência quem está por cima, quem detém riquezas materiais, ou melhor, o poder não está na mão do dominante. O poder é movimento, é exercício, é ação, que está totalmente aliçada em uma ação social que nunca depende única e exclusivamente de uma pessoa, mas, que acontece numa interação.

Quando Foucault presume um problema e este é sempre uma questão socialmente produzida significa dizer que, esse problema surge dentro da noção do que isso faz fazer. Então, quando se refere ao dispositivo da sexualidade está pensando no que esse dispositivo faz fazer, este dispositivo é algo que movimenta, portanto, é um instrumento que mobiliza. Como já situado Foucault (1988) não reduz o poder apenas ao seu aspecto negativo. É a partir do aspecto positivo do poder que o mesmo sustenta outra concepção de poder se tratando

[...], portanto de, ao mesmo tempo, assumir outra teoria do poder, formar outra chave de interpretação histórica; e, examinando de perto todo um material histórico, avançar pouco a pouco em direção a outra concepção do poder. Pensar, ao mesmo tempo, o sexo sem a lei e o poder sem o rei (FOUCAULT, 1988, p.86).

Impulsionado por outra interpretação histórica que faz referência ao “poder disciplinar” Foucault percebe a existência de uma teoria política ao mesmo tempo vinculada ao capitalismo. O poder disciplinar aparece na medida em que vai se construindo historicamente a constituição dos espaços de produção, espaços estes voltados exclusivamente para algo específico no caso o corpo, onde serão desenvolvidas técnicas para vigiar e controlar os comportamentos e hábitos das pessoas. A biopolítica por sua vez tem como alvo o conjunto dos indivíduos, a população. Trás elementos que implicam na produção de um sujeito cidadão alvo das ações do governo. Assim, esta governa pessoas não como estando submetidas a um poder central, mas, como indivíduos que participam da produção da vida coletiva, por isso um dos alvos da biopolítica é o instrumento educacional, que é entendido como dever da família e do Estado, e tem o propósito de desenvolver o estudante para exercer a cidadania e qualificá-lo para o trabalho produtivo, assim

Concretamente, esse poder sobre a vida desenvolveu-se a partir do século XVII, em duas formas principais; que não são antitéticas e constituem, ao contrário, dois pólos de desenvolvimento interligados por todo um feixe intermediário de relações. Um dos polos [...] centrou-se no corpo como máquina: no seu adestramento, na ampliação de suas aptidões, na extorsão de suas forças, no crescimento paralelo de sua utilidade e docilidade, na sua integração em sistemas de controle eficazes e econômicos — tudo isso assegurado por procedimentos de poder que caracterizam as disciplinas: anátomo-política do corpo humano. O segundo, que se formou um pouco mais tarde, por volta da metade do século XVIII, centrou-se no corpo-espécie, no corpo transpassado pela mecânica do ser vivo e como suporte dos processos biológicos: a proliferação, os nascimentos e a mortalidade, o nível de saúde, a duração da vida, a longevidade, com todas as condições que podem fazê-los variar; tais processos são assumidos mediante toda uma série de intervenções e controles reguladores: uma bio-política da população. (FOUCAULT, 1988, p. 130-131)

Essa categoria remete à análise do autor a uma questão de extrema importância Foucault ao invés de olhar para o corpo a partir de um conceito fenomenológico, ou melhor, de encarar esse corpo a partir de uma perspectiva ontológica passa a pensar esse corpo como algo que existe em essência e que vai se transformar numa relação. O autor como entende esse corpo como algo que se produz dentro de uma relação social, no discurso, e o discurso é ação, interação social. Em razão disso, Foucault considera o poder disciplinar fundamental, pois, são essas tecnologias que o poder produz que vão ser essenciais para produzir esse corpo como uma materialidade, e para produzi-lo também com uma individualidade, como um indivíduo complexo que pensa e faz uma série de coisas.

Apesar de essas técnicas de poder punir, excluírem, reprimirem, recalcarem, censurarem, Foucault (1988) explica ser necessário entender que esses mecanismos acabam produzindo o que ele denomina eficácia produtiva, isto é, quanto mais se pensa a negatização e quanto mais se pensa a proibição mais se produz, então

As disciplinas do corpo e as regulações da população constituem os dois polos em torno dos quais se desenvolveu a organização do poder sobre a vida. A instalação — durante a época clássica, desta grande tecnologia de duas faces — anatômica e biológica, individualizante e especificante, voltada para os desempenhos do corpo e encarando os processos da vida — caracteriza um poder cuja função mais elevada já não é mais matar, mas investir sobre a vida, de cima a baixo. (FOUCAULT, 1988, p. 130-131)

Factualmente o poder disciplinar e a biopolítica se complementam enquanto procedimentos institucionais que modelam o indivíduo e o comando da coletividade, ou melhor, a modificação do indivíduo e a gerência da população. As instituições de disciplina, de produção, ação e de tecnologias sobre esses corpos são pensadas a partir de um efeito que começa no século XVIII mais que realmente se constitui no século XIX surgimento da população. Com a migração para as cidades vai formando uma metrópole, e esta precisará de tecnologias que deem conta desses corpos, essas tecnologias são hospitais, escolas, fabricas e prisões. Instituições que têm que dar conta desse corpo que está sendo construído dentro desses espaços, instituições que fazem fazer. Notemos, o indivíduo passa a viver uma sujeição constante a uma ordem e/ou um contrato de vida compartilhada que é entendida como uma linguagem corporal, a docilidade do corpo e

Se pudéssemos chamar "bio-história" as pressões por meio das quais os movimentos da vida e os processos da história interferem entre si, deveríamos falar de "bio-política" para designar o que faz com que a vida e seus mecanismos entrem no domínio dos cálculos explícitos, e faz do poder-saber um agente de transformação da vida humana; não é que a vida tenha sido exaustivamente integrada em técnicas que a dominem e gerem; ela lhes escapa continuamente. (FOUCAULT, 1988, p. 135)

O corpo dócil é a materialidade do poder disciplinar, em outros contextos um corpo dócil é um corpo que pode ser dominado, que pode ser manuseado, que pode ser modificado, tão flexível quanto produtivo. Mas, na análise Foucaultiana essa docilidade é civil, um corpo civil tem que conseguir viver uma vida coletiva. Este cenário da *biopolítica* e da docilidade ao qual é submetido o permitirá reconhecer-se o tempo todo como indivíduo e como

[...] os processos da vida são levados em conta por procedimentos de poder e de saber que tentam controlá-los e modificá-los. O homem ocidental aprende pouco a pouco o que é ser uma espécie viva num mundo vivo, ter um corpo, condições de existência, probabilidade de vida, saúde individual e coletiva, forças que se podem modificar, e um espaço em que se pode reparti-las de modo ótimo (FOUCAULT, 1988, p. 134).

Então a pessoas precisam produzir mecanismos que as tornem sabedores e ao mesmo tempo individualize e as faça reconhecer-se como indivíduo responsável, ocupado e cheio de deveres. Isso acontece a partir de devidos mecanismos como as técnicas de organização de espaço onde são distribuídos os indivíduos, da inserção dos corpos em um espaço que individualiza, classifica e hierarquiza, controle de tempo que visa estabelecer uma sujeição do corpo ao tempo objetivando o máximo de rapidez e eficácia, e ainda uma vigilância contínua e permanente. Então é cogente educar esse corpo para que o mesmo seja realmente capaz de viver essa vida metropolitana e conseguir atender todos esses códigos e dinâmicas de docilidade que se traduz dessa civilidade.

Para entender a genealogia do saber sobre a sexualidade Foucault vai percorrer um caminho metodológico que vai tentar dar conta das devidas incitações: o que falar de sexo instituir lugares, técnicas e procedimentos que tornaram possível o saber sobre o mesmo. E para isso distancia-se da fenomenologia, pois, o indivíduo fenomenológico é pré-discursivo existe uma essência que está anterior a relação ele sofre o tempo todo mudanças das interações. Para o Foucault o que se produz não é necessariamente uma consciência que o tempo todo pensa sua ação a partir da ideia de causalidade, e sim melhor dizendo, nem sempre na maioria das vezes pensamos para agir, simplesmente agimos, e é exatamente nesse quesito que o corpo se torna importante e que docilizar esse corpo é importante para que o corpo aprenda a agir.

Surge então um questionamento, no caso de haver a operacionalização da categoria *bullying*, para analisar determinados padrões de violência entre pessoas em ambientes exclusivos como o educacional. Qual a relação dessa operacionalização com as tecnologias biopolíticas que Foucault discute? Tal como Bazzo (2015) lembrando Foucault e Agamben explica os *dispositivos*, assim como esses *dispositivos psi* também pode se explicar o *bullying*. Pois a operacionalização da categoria *bullying*, implica um arranjo de elementos desuniformes um con-

junto de atividades humana discursos, instituições, regras, leis e determinações de que o objetivo é governar, orientar e controlar. Portanto, *bullying* pode ser considerado um aglomerado de práticas de saber-poder e de subjetividade. Não que o bullying seja um dispositivo da sexualidade ele é um *dispositivo psi*.

Desta forma, o dispositivo *bullying* também precisará pôr em funcionamento o poder disciplinar, os mecanismos disciplinares, teria que formular tecnologias adequadas a esse contexto capazes de solucionar ou atenuar o problema que o termo *bullying* descreve. Modelos de tecnologias seria o mapeamento das pessoas que aparentam ser vítimas de *bullying*, classificação por idade, levantamento dos efeitos, dos riscos a que estão sujeitas, e qual a probabilidade de surgir comportamentos violentos na população e/ou na escola.

Para que esse trabalho consista em ser bem sucedido é mister que, haja uma mobilização preparatória que estimule uma conscientização sobre tal fenômeno, por partes da sociedade, familiares, profissionais da educação, da justiça e da medicina nos campos *psi*, para estabelecer perfis que identifiquem as vítimas dos agressores, estabelecer punições aos responsáveis, e, além disso, conscientizar e agenciar formas preventivas. Tudo isso com objetivo de perceber o ponto em que determinadas ações vão se produzir para assim produzir o que Foucault considera poder produtivo, no sentido de resolver situações sociais.

Porém, não passe de uma farsa para encobrir o movimento discursivo das relações de saber e poder como desculpa para sair da condição de inferioridade, e assim como Sousa (2018) pontua:

[...] as estratégias utilizadas pela direita conservadora produzem um número muito maior de fatos de violência, mas que têm como vítimas aqueles que podem ser eliminados para o bem-estar de uma população que se diz “de bem”, que cultiva a moral e os bons costumes e que se enquadra nas normatividades historicamente construídas no Brasil em sua tradição racista, machista, homofóbica e cristã. [...] Funciona como argumento para a conquista da segurança, mas também para a segregação de certos grupos, como a solução para a continuidade da raça humana, mas também para justificar a extinção de grupos dessa mesma raça. (SOUSA, 2018,p. 75-76)

A família clássica é usada como cobaia para dar sustentabilidades aos planos de liderança, e terminam como protagonistas de desordens sociais. Por essa razão, para entender como funciona esse processo, a relevância em apresentar alguns dos episódios de violência no Brasil.

3 EPISÓDIOS DE VIOLÊNCIA FÍSICA NO BRASIL QUE FORAM ASSOCIADOS AO *BULLYING*

A relevância que tem ganhado o assunto é claramente evidenciada pelos noticiários, que volta e meia exibem dramas trágicos decorrente dos maus tratos entre os colegas na escola. Sendo estudado no mundo desde os anos 1970 e no Brasil desde 1990 o tema vem dando origem a reflexões. Nos atos de *bullying* existem pelo menos três papéis desempenhados: o de agressor, o de vítima e os espectadores. As ofensivas se manifestam de duas formas, direta e indireta, a primeira constituindo-se de agressões físicas, e a segunda manifestando-se por meio de agressões verbais. A seguir discorreremos sobre os dois principais episódios associados ao *bullying* no Brasil.

3.1 Massacre de Realengo

O massacre de Realengo foi uma chacina ocorrida no dia 7 de Abril de 2011, numa quinta-feira na Escola Municipal Tasso da Silveira, localizada no bairro Realengo, na zona Oeste da cidade do Rio de Janeiro. Wellington Menezes de Oliveira, de apenas 23 anos de idade, invadiu a escola a qual já havia estudado, com dois revólveres, e muitas munições. Começou a disparar contra alunos das turmas de 4º ao 9º ano, crianças com idade entre 9 a 14 anos, as salas de aulas lotadas, ao todo estudavam no período da manhã 400 alunos.

Segundo o Jornal G1, (COMO FOI, 2011) que publicou a matéria baseada em informações da polícia, vídeos das câmeras de segurança, relatos de testemunhas e entrevista com o diretor da escola - na época Luiz Marduk, - fornecidas à repórter Tahiane Stochero, Wellington chegou à escola logo cedo, assim que as aulas se iniciaram. A escola é um prédio de três andares localizada na rua Gal. Bernardinho de Matos. Wellington adentrou o espaço da instituição escolar alegando que precisava pegar seu histórico escolar, seguiu até a secretaria, onde pegou o documento que havia solicitado na semana anterior e perguntou se poderia falar com uma docente que fora professora e estaria no térreo em uma sala de leitura. Wellington conversou normalmente com a ex-professora, em seguida ela foi chamada para sala da coordenação e ele se dirigiu para o primeiro andar, onde adentrou a primeira sala de aula, sem pedir permissão. Anunciou que está ali estava para ministrar uma palestra e imediatamente sacou dois revólveres e efetuou disparos contra os alunos. Desesperados muitos estudantes conseguiram fugir pelo

corredor. Um dos alunos, mesmo ferido, conseguiu sair da escola e pedir ajuda ao Policial Militar Márcio Alves, que estaria participando de uma *blitz* para conter transportes irregulares.

Após muitos tiros, deixando a mochila para trás, Wellington dirigiu-se para uma segunda sala, onde executou novos disparos. No corredor entre uma sala e outra Wellington recarregara rapidamente as armas e no total chegara a disparar pelo menos umas 30 vezes. Ainda no corredor do primeiro andar Wellington percebeu a presença da polícia e tentou correr para escada que dá acesso ao terceiro andar. Foi alvejado na perna por um disparo vindo do policial Márcio Alves. Vendo-se sem saída, atirou contra a própria cabeça, vindo a óbito no local. Nas armas e no cinto ainda havia munições para ao menos uns 25 disparos. No terceiro andar na sala do auditório, alunos se escondiam apavorados com o tiroteio. Além do atirador no total foram 12 mortos 10 meninas e dois meninos, e 13 feridos, tratando-se estes últimos 10 meninas e três meninos.

No sábado dia 16 de abril do mesmo ano ex-alunos voluntários da escola e religiosos da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, com a colaboração da Prefeitura Municipal, pintaram a parte externa da escola de branco, como sinal de paz.

Uma matéria *Massacre em realengo* (2011), exclusiva do Fantástico, exibida três dias depois da tragédia em Realengo, no domingo, dia 10 de Abril de 2011, mostrava detalhes sobre o homem responsável pelas mortes e ferimentos. Duas explicações foram apresentadas como motivos que teriam levado Wellington a cometer o crime: *bullying* e /ou esquizofrenia. Ao vasculharem a casa de Wellington os policiais encontraram uma carta deixada pelo assassino, em que ele afirmava que o motivo pelos crimes premeditados eram ataques sofridos por ele, na época em que estudara na escola, em 2001. Na carta, ele anunciava também o suicídio após o atentado:

Quero deixar claro que não sou o responsável por todas as mortes que ocorrerão, embora meus dedos serão responsáveis por puxar o gatilho. Cada vez que virem alguém se aproveitando da bondade ou da inocência de um ser, lembrem-se que esse tipo de pessoa foi responsável por todas essas mortes inclusive a minha (KAMEL, 2011).

Essa foi a explicação deixada pelo atirador que se afirmava vítima de deboches e constrangimentos:

Muitas vezes aconteceu comigo de ser agredido por um grupo e todos que estavam por perto debochavam se divertiam com as humilhações que eu sofria sem se importar com meus sentimentos (KAMEL, 2011).

Uma entrevista com um especialista em psiquiatria Talvane de Moraes insinuava que Wellington praticara o crime por sofrer de uma doença mental conhecida como esquizofrenia, um tipo de psicose em que a pessoa se sente perseguida e chega a elaborar ideia de grandeza, e

impossibilita a pessoa de se relacionar com outras pessoas e que pode ser controlada por remédios. Especialistas afirmavam que o criminoso tinha uma doença mental gravíssima e que a reação não fora necessariamente provocada pela alegada perseguição de colegas.

3.2 Tragédia no Colégio Goyases em Goiânia

No fim da manhã de uma sexta-feira, por volta das 11h50min do dia 20 de outubro de 2017, mais uma tragédia afetou crianças e jovens brasileiros. O episódio aconteceu no Colégio Goyases, escola particular de ensino infantil e fundamental em Goiânia, localizado na região Leste da cidade no Bairro Conjunto Riveira, em um prédio de três andares, que comportava turmas do 1º ao 9º ano, com alunos de idade entre 6 a 15 anos. O garoto que efetuou os disparos estudava no terceiro e último andar do prédio, era um adolescente de 14 anos, aluno do 8º ano, cujo nome não foi divulgado por ser menor de idade, filho de pais policiais. Naquele dia ele entrou na escola com uma pistola 40 dentro da mochila (instrumento de trabalho da mãe) e disparou contra os próprios colegas de turma.

De acordo aos noticiários do jornal O Globo na reportagem Ataque a tiros, (2017) os primeiros tiros surgiram acidentalmente. Com um primeiro disparo ainda dentro da mochila. O segundo tiro foi para o alto. Logo em seguida, o garoto transtornado mirou um colega que se sentava na carteira atrás da dele e disparou. Segundo relatos que surgiram depois da violência, este garoto vitimado pelo terceiro tiro frequentemente fazia “brincadeiras” sobre o mau cheiro do colega. Após fazer vários disparos, a coordenadora da escola convenceu o garoto descontrolado a travar a arma, até que os policiais chegassem. Os disparos deixaram dois adolescentes mortos e quatro feridos, sendo os dois mortos meninos e os feridos três meninas e um menino.

Segundo a reportagem de Paula Resende ao G1 de Goiás, Estudante de 14 anos (2017) em seu depoimento, colhido pelo delegado Luiz Gonzaga Júnior, também titular da Delegacia Estadual de Apuração de Atos Inflacionais (Depai), o atirador afirmou ter sido vítima de agressões verbais, e que durante dois meses vinha planejando o crime, inspirando-se no Massacre de Realengo do Rio de Janeiro e no massacre de Columbine, nos Estados Unidos². Após sua apreensão, o menor infrator horas depois do ataque, foi encaminhado para um Centro de Internação,

² No dia 18 de Abril de 2017, a Revista Mundo Estranho de curiosidades científicas e culturais da Editora Abril publicava sobre o massacre escolar de Columbine. O jornalista Tiago cordeiro lembrava que no dia 20 de Abril de 1999 na Columbine High School no Estado de Colorado nos Estados Unidos aconteceu o massacre escolar, com uso de armas de fogo o ataque envolveu ainda bombas caseiras. O plano era destruir parte do prédio matando varias pessoas ao mesmo tempo com a explosão das bombas e as pessoas que conseguissem fugir seriam assassinadas pelas armas de fogo, um imprevisto acontece com a falha das bombas e então os dois rapazes adentram a escola e começam a atirar em alunos e funcionários da mesma. O ataque planejado pelos alunos estudantes [Eric](#)

onde ficaria provisoriamente por determinação da juíza Mônica César Moreno Senhorello durante 45 dias.

Segundo a reportagem do jornal G1 de Goiás Justiça decide (2017) do dia 28 de Novembro de 2017, feita pelos repórteres Murillo Velasco e Vitor Santana, pouco mais de um mês depois do acontecimento, em uma segunda audiência na qual, foram ouvidas mais quatro testemunhas não citadas pelo jornal e em que menor autor do crime não foi ouvido por já ter prestado depoimento no dia 27 do mês da tragédia. A justiça decide no dia 28 de Novembro do mesmo ano no juizado da Infância e Juventude de Goiânia que o adolescente de 14 anos que atirou contra os colegas no Colégio Goyases irá cumprir pena máxima considerada mais grave para menores infratores de 3 anos de internação. Durante esse período o adolescente cumprirá medidas socioeducativas e terá acompanhamento psiquiátrico. Passará ainda por uma reavaliação a cada semestre. Permanecerá internado no mesmo centro de internação para menores, não divulgado pela justiça como forma de segurança ao adolescente.

Em uma reportagem de Júlia Dias Carneiro, Do jornal UOL Notícias (2017) no Rio de Janeiro, o delegado da polícia militar diz que o menor usou a arma da mãe com intenção de matar o colega que debochava dele, e que a outra morte e os outros ferimentos não foram premeditados, tendo sido resultado de um desequilíbrio emocional, que conseqüentemente causou a tragédia. Afirmava ainda o delegado que seu depoimento do garoto autor dos tiros indicava problemas psicológico anteriores.

[Harris e Dylan Klebold](#) deixou 13 pessoas mortas e 23 pessoas feridas e após o próprio suicídio totalizou 15 mortos.

Super Interessante. <https://super.abril.com.br/mundo-estranho/como-foi-o-massacre-de-columbine/>. Acesso em 20/08/2018

4. CONTE ATÉ DEZ NAS ESCOLAS

Elaborado pelo Conselho Nacional do Ministério Público (CNMP), em parceria com a Estratégia Nacional de Justiça e Segurança Pública (Enasp), a campanha “Conte até Dez nas Escolas” foi nacionalmente lançada no ano de 2012. O Conte até Dez nas Escolas é destinada à educação de adolescentes e jovens. É uma iniciativa que busca incentivar a tolerância diária para evitar conflitos.

No Tocantins, tem como gestor o Ministério Público Estadual (MPE) em parceria com a Secretaria Estadual de Educação (SEDUC) e Escola Superior de Magistratura (Esmat). O programa chega para as escolas como forma de um curso de formação para capacitar professores, especialmente do ensino médio, com ações a serem desenvolvidas na sala de aula. Segundo informações fornecidas por uma das tutoras, que ocupa o cargo de Diretoria Regional de Educação (DRE) de Tocantinópolis/ Tocantins, Francisca, o programa desenvolve o curso para abranger professores das 13 diretorias do Estado.

Para efetivação da inscrição, a Seduc solicita às DRE's que divulguem o convite nas escolas e mandem a ficha de inscrição; então a (o) diretora (o) ou coordenador (a) repassa aos professores, aqueles que tiverem interesse inscrevem-se e a escola manda a ficha de inscrição novamente para a DRE que concluirá o processo e organizará o primeiro encontro presencial para nortear os demais. A preferência de professores para esta capacitação seria da área de humanas, mas professores de outras áreas podem participar. A capacitação tem duração de dois meses e é ministrada em três módulos. Quanto às aulas é ministrada pela modalidade de ensino a distância EAD. Entre os temas abordados nos estudos estão: *bullying*, direitos e deveres dos adolescentes e cultura de paz e respeito nas escolas.

Durante o curso os tutores cobram o cumprimento das ações propostas no decorrer do mesmo. A tutora da DRE de Tocantinópolis comenta que para acesso dela e dos alunos cria-se um ambiente virtual com senha própria dos participantes, onde consta apresentação dos alunos, módulos, temas, conteúdos, vídeos, que serão estudados. No decorrer e ao final do curso serão cobradas dos professores-alunos, como forma de avaliação, ações a serem desenvolvidas nas escolas.

Raimunda menciona ainda as dificuldades que os tutores encontram em convencer os professores a incluir e adaptar as ações produzidas durante o curso em suas aulas. Ela entende que essa resistência existe porque poucos professores gostam de inovar, a maior parte insiste nas mesmas práticas cristalizadas. Outra dificuldade que a Diretoria Regional de Ensino (DRE)

enfrenta é de alcançar todas as escolas de municípios vizinhos, como Santa Terezinha do Tocantins, por exemplo. Nestes casos a diretoria não tem recursos para arcar com as despesas dos encontros presenciais transporte, almoço e/ou lanche, condições imprescindíveis de manutenção dos polos.

Segundo o administrador de projetos educacionais da Secretaria de Educação Júlio Cesar

A campanha seguirá de forma que os professores serão capacitados, deverão trabalhar com temáticas no campo da violência nas escolas, e por fim devem elaborar projetos que serão aplicados nas escolas, deste modo os habilitados serão multiplicadores de conhecimento (“CONTE ATÉ 10”, 2015).

Os formuladores do projeto/campanha disponibilizam um *site* contendo: o slogan da campanha “Valente mesmo é quem não briga”; uma página inicial, “*Home*”, com apresentação de um vídeo com a chamada: “Em uma briga na escola, algo inesperado acontece”; em destaque uma página discorrendo sobre a campanha; o *link* “multimídia”, onde se encontra uma cartilha eletrônica contendo 64 laudas; materiais de apoio como artigos e *sites* de outras campanhas contra violência, cartazes contendo frases de incentivo a paz escolar e a logomarca do programa.

Outra página de acesso onde se explica como participar da campanha abriga o edital de chamamento, de seis laudas, documento onde se explica que a escola interessada em participar poderá vir a receber doações, recursos e/ou produtos destinados à premiação em concursos de escolas e/ou alunos envolvidos com a temática da campanha, além de cartazes, adesivos para carros, camisetas, bonés, lápis, borrachas e canetas, estojos, mochilas, garrafas de água, materiais esportivos como bolas e ainda uniformes personalizados com a logomarca e siglas do Conselho Nacional do Ministério Público (CNMP) e da Estratégia Nacional de Segurança Pública (ENASP); no *link* “como participar” há campos para realização da inscrição e por último no *link* “#na rede” o visitante encontra depoimentos de pessoas vítimas de violência, que souberam lidar com provocações sem responder com violência, divulgadas ainda em páginas do *facebook* e *tweet*.

5. CONTE ATÉ DEZ NAS ESCOLAS: PERSPECTIVA DISCURSIVA E ANÁLISE DE CONTEÚDO

O *site* do programa Conte até dez nas Escolas apresenta-se como um interessante material de análise. Este material trabalha principalmente com a ideia de que existe uma cultura que não é de paz que é a cultura da valentia, conseqüentemente o objetivo geral é de criar uma cultura de paz entre adolescentes e jovens que evite os conflitos na escola. De início, é apresentado no canto esquerdo da tela logomarca e *slogan* escritos “Conte até dez: valente mesmo é quem não briga”. É como se todos os conflitos fossem resultado de uma cultura do “valentão”, questões de raça, de gênero e de classe social não aparecem como elementos para se explicar o *bullying*. A campanha, de acordo com o que é esclarecido no próprio *site*, é resposta ao grande número de homicídios que parecem ter sido precipitados ^{por} “motivos banais”. A intenção é diminuir a violência nas comunidades, nas escolas e “no país”. Um dos materiais de apoio são os estudos da Socióloga brasileira Miriam Abromovay sobre a cultura juvenil. Autora e coautora de vários livros e artigos, nas áreas de educação, ciências sociais, gênero, violências na escola e juventude.

Logo que abrimos a página inicial do *site* além da logomarca e *slogan*, encontramos uma frase: “Paz. Essa é a atitude”. O primeiro vídeo tem como chamada a frase: “Em uma briga na escola, algo inesperado acontece...”. Inicia-se com uma parcela de alunos dispersos pela escola, alguns sentados em bancos próximos à quadra de esportes e outros no centro da mesma. Como costuma acontecer em brigas “reais”, no conflito encenado uma briga é anunciada e um grupo de alunos se posiciona em volta dos brigões. No entanto, quando o espectador espera que um confronto físico se precipite, algo inesperado acontece: os brigões resolvem o conflito de outra forma. Aproximam-se e começam uma batalha de *hip hop*. No canto esquerdo do vídeo frases começam a surgir: “vale a pena lutar pela paz nas escolas”, “valente mesmo é quem não briga”. Assim, ao mesmo tempo em que há um apelo para o controle de impulsos violentos, há uma tentativa de diálogo com a cultura jovem representada pela cultura do hip-hop.

A encenação do conflito aborda questões de construção social da masculinidade. Contudo, conflitos raciais e outros derivados de estratificação social não são dramatizados. Essa ênfase opera de modo a que o fenômeno *bullying* seja percebido de modo bastante específico.

O *link* “multimídia” disponibiliza uma cartilha eletrônica e material de apoio, vídeos, artigos sobre violência na escola. A cartilha com 64 páginas reúne roteiros de aula que servem

de apoio aos professores-alunos do curso de capacitação do programa, oferecendo quatro sugestões de planos de aulas. Assim como na página de abertura do *site* o fundo da primeira página da cartilha é de cor verde, inclinando nosso imaginário a influência psicológica que as cores têm sobre o ser humano o verde remete a esperança.

A folha de rosto demonstra a parceria do Ministério da Justiça com o projeto, segue-se uma apresentação da campanha “Conte até dez.”. Explica-se neste tópico (na apresentação) que a divulgação da campanha será iniciada nos municípios com maior índice de mortalidade por homicídios e posteriormente prosseguirá nos demais municípios que também tem registros preocupante de violência. Será divulgada pelos representantes legais da justiça que atuam na área da educação, pelos juízes do poder judiciário, defensores públicos e delegados de polícia.

Há uma segunda apresentação, direcionada aos professores que serão os mediadores. Neste texto expõe que os planos de aula seguem rumo da educação em direitos humanos; que o material foi analisado pelo Ministério da Educação; que o projeto é destinado a instituições públicas e privadas e ainda que o professor possa apresentar sugestões ou críticas, ou mesmo dúvidas sobre o material por meio do site do programa. Ambas as apresentações são elaboradas por presidentes e conselheiros do Conselho Nacional do Ministério Público.

Em seguida são apresentadas as três instituições que fazem parte do projeto, o Ministério Público, o Conselho Nacional do Ministério Público, a Estratégia Nacional de Justiça e Segurança Pública. O primeiro é uma instituição encarregada de preservar a ordem pública combater a violência por meio da ação penal pública; a segunda é uma instituição cuja função é aprimorar a atuação do Ministério Público fiscalizando suas ações e a última é uma parceria entre o Conselho Nacional do Ministério Público Conselho Nacional de justiça - responsável por controlar o desempenho administrativo e financeiro do judiciário - e o Ministério da Justiça - que tem o encargo de promover cidadania, justiça e segurança pública por meio do trabalho conjunto com Estado e a sociedade, com a finalidade de melhorar o sistema de segurança pública do país.

Posteriormente no material da cartilha apresenta o contexto de violência no Brasil, o que motivou a iniciativa do projeto pedagógico “Conte Até dez nas Escolas”. Nesta “contextualização” consta a informação de que no Brasil milhares de pessoas são vítimas de violência e assassinatos por motivos banais, que a busca pela paz deve partir, além de outros aspectos, do respeito às diferenças. Essa afirmação gera em nós um questionamento: o que seriam esses motivos “banais” que geram assassinatos? São apresentados ainda os produtos desenvolvidos para a campanha que podem ser utilizados em sala de aula como: planos de aula, o *game* (jogo)

“Conte até 10”, disponível na *internet* (segundo o site pode ser baixado em sistemas operacionais como LINUX, WINDOWS e MAC), textos e cartilhas de apoio de instituições parceiras indicados, *jingles*, comerciais de TV, cartazes e *sites*.

Os planos de aulas são compostos com tema, objetivos e estimativa da quantidade de aulas necessárias para trabalhar o tema; o *game* está localizado no espaço “multimídia” do site Conte Até dez. O jogo foi desenvolvido pela empresa Fira Soft é disponível gratuitamente em português, para computadores na internet e celulares. Trata-se de um jogo desafiante que testa o controle emocional do jogador diante das situações estressantes do dia a dia; uma simulação da vida cotidiana nas grandes cidades. O objetivo do jogador é não perder a calma. Funciona da seguinte forma: em cada fase, paciência, impulsividade e ansiedade serão testadas. Por exemplo: será que o jogador consegue passar um dia inteiro no trânsito intenso sem levantar a voz para o primeiro motorista que atrapalhar o seu caminho? Para avançar de fase o jogador precisa manter a calma.

No jogo Anderson Silva, Júnior Cigano, Leandro Guilherme e Sarah Menezes ³ surgem para ajudar o jogador a atingir seus objetivos e chegar ao final como vencedor. Os cenários do jogo são: em um prédio, o morador de um dos apartamentos (jogador) terá que evitar brigas com o vizinho, mesmo se estiver acontecendo a maior festa no andar de cima. No trabalho jogador terá que ser simpático com os clientes. Na festa ele terá que dançar no ritmo da música e evitar esbarrões e no trânsito terá que prestar atenção nos sinais de trânsito e não se envolver em acidentes. Em cada um dessas fases o jogador deve cumprir as tarefas sem perder a calma. Uma tabela no canto inferior da tela vai ganhando a cor ficando vermelha, conforme as falhas do jogador. A cor vermelha significa raiva. Se toda a tabela ficar vermelha, inicia-se uma contagem de um a dez começará e a opção “tomar decisão”. A tabela gradativamente volta para a cor verde e o jogador deve acionar a opção “voltar ao jogo”. Percebemos como o jogo estimula o autocontrole e o controle das emoções. O jogador deve literalmente “contar até dez” para ter uma nova chance no jogo.

O acesso aos textos de apoio é disponibilizado no *site* ao final dos capítulos; os *jingles* também encontrados no espaço “multimídia” são mensagens publicitárias musicais que levam em consideração uma cultura jovem presumida, são de curta duração e de linguagem fácil, geralmente com rimas para melhor memorização. Nos comerciais de TV e cartazes feitos para

³ Esportistas brasileiros, ambos são atletas da modalidade de Artes Marciais mistas- MMA. Campeões do UFC e medalhistas olímpicos de judô.

campanha foram usados artistas e desportistas com a finalidade de atrair o público. O espectador é convidado a seguir o exemplo dos artistas e desportistas em questão. A mensagem é: promova a paz, não pratique violência. Cartazes são disponibilizados no site em formato de PDF e JPG. Cabe lembrar que em atividades esportivas exigem um permanente autocontrole das emoções e o uso da violência quando não é apenas simbólico é regrado e controlado.

Na metodologia do projeto, a sugestão é para que as atividades sejam desenvolvidas de forma interativa com músicas e recursos audiovisuais e que gerem um produto final, a ser compartilhado com a comunidade geral. Os objetivos são voltados a que o material sirva como base para que os educadores reflitam sobre a violência, conheçam as consequências dos atos violentos e desenvolvam nos jovens capacidade crítica. O tópico “operacionalização” prevê a distribuição do material nas unidades escolares envolvidas, aplicação do conteúdo em sala de aula. Fica a critério de cada escola escolher o momento e o ambiente para desenvolver o trabalho e para avaliação de todo esse processo e trabalhos produzidos. Há um questionário com cinco questões que podem ser respondidas pela própria escola, avaliação que pode ser enviada ao Conselho Nacional do Ministério Público.

Em todas as quatro propostas sugestivas de aulas o computador é recurso para exibição de vídeos do *site* do programa. Na introdução do primeiro tema, intitulado “Vida e Morte”, sem maiores reflexões é-nos dada a informação de que milhares de vida tem fim por desavenças e/ou vinganças por homofobia, intolerância religiosa racismo e outros. Esses conflitos estão na raiz dos assassinatos sob perspectiva: os assassinatos cometidos por motivos fúteis e impulsos, como podemos ver no fragmento do texto da cartilha que

No Brasil, estima-se que mais de 50% dos assassinatos sejam cometidos por motivos fúteis ou por impulso. São milhares de vida que se vão por motivos como brigas de trânsito, rixas, desavenças, vinganças, homofobia, intolerância religiosa, racismo, entre outros (CONTE ATÉ 10, 2013)

Direitos e deveres dos adolescentes é o tema da segunda proposta e enfatiza a necessidade dos jovens conhecerem seus direitos e deveres para que consigam solucionar os dilemas apontados como corriqueiros. É como se conhecer direitos e deveres fossem um dos passos, senão fundamental, necessário para o controle de impulsos e da cultura violenta que está na mira da campanha Conte até 10.

O terceiro tema violência nas escolas e *bullying*, introduzindo a proposta de aula um trecho de uma cartilha Justiça nas Escolas de 2010, convida os jovens a problematizarem o comportamento daqueles que submetem outros a humilhações e maltrato. Essa terceira proposta enfoca nos atos de violência no ambiente escolar, de forma que nos leva a pensar nas violências do cotidiano escolar como as principais existente entre os jovens.

A quarta e última proposta de aula da cartilha tem como tema o enfrentamento da violência nas escolas. Uma junção das propostas anteriores, a quarta aula propõe que os envolvidos desenvolvam discussões sobre os comportamentos e atitudes que podem ocasionar violências. E finalmente instiga os alunos a criarem grupos de mediação de conflitos e que estas desenvolvessem uma cultura da paz.

No *link* “como participar” pode ser realizada uma inscrição caso o internauta tenha interesse em levar o projeto para seu Estado e escola. Esse espaço também mostra os Estados da Federação que já são participantes da campanha. Finalizando a apresentação do conteúdo do *site*, no *link* “na rede”, que significa conectado com a internet, encontram-se depoimentos de jovens vítimas de atos violentos e que conseguiram se sair de tal situação.

5.1 Civilização e Descivilização

Nobert Elias em sua obra *O processo civilizador* por meio de um aprofundamento histórico para compreender os padrões de comportamento e da expressão das sensibilidades e emoções das sociedades ocidentais, investiga a distinção entre natureza e cultura. Trabalha com pares de oposições. Vejamos um exemplo: a fome é uma sensação comum a todos os seres humanos, é própria da natureza humana por ser uma necessidade que não consegue ser alterada. Porém, o modo como matar essa fome implica muito do universo cultural ao qual estará inserido, assim sendo, a fome em si é da dimensão natural e sentir fome de algo é da dimensão cultural. O objetivo da análise histórica feita pelo autor é levantar uma crítica à noção da espontaneidade do comportamento e maneiras das nações ditas civilizadas. Essa definição implica um desenvolvimento histórico cuja característica principal é autocontrole das emoções e impulsos violentos. Um importante desenvolvimento que permitiu em alguma medida a pacificação das sociedades modernas e foi paralelo ao desenvolvimento do monopólio estatal do uso da força, porque a um só tempo o processo civilizador foi um movimento cultural e psíquico.

Ao longo da história as camadas que se identificam como civilizadas acreditam estar no topo do desenvolvimento da humanidade, o que lhes daria o direito de dominar aqueles que estão à margem civilização. Mas da mesma forma que há um desenvolvimento progressivo rumo à civilização, para Elias há surtos descivilizadores.

Ações como o programa “Conte até Dez nas Escolas”, parecem ser uma intervenção no sentido de conter grupos incivilizados ou de controlar de surtos descivilizadores. O programa é uma mediação. Segundo a proposta, os professores não devem assistir aos conflitos apenas,

tem que interferir nesse processo, tem que mediar de forma a construir uma cultura da paz. Essa mediação opera um processo civilizador, pois parte de um pressuposto implícito de que pobres e negros, as classes sociais classificadas de baixa escala, são grupos não suficientemente civilizados, daí a necessidade de civilizá-los. Sobre os surtos descivilizadores, podemos perceber na formulação de Elias (1997) que

A civilização [...] nunca está completada, e está sempre ameaçada. Corre perigo porque a salvaguarda dos padrões mais civilizados de comportamento e sentimento em sociedade depende de condições específicas. Uma destas é o exercício de autodisciplina, relativamente estável, por cada pessoa. Isto, por sua vez, está vinculado a estruturas sociais específicas. Estas incluem também, sobretudo, a resolução pacífica de conflitos intraestatais isto é, a pacificação social. Mas a pacificação interna de uma sociedade está sempre correndo perigo. Ela é ameaçada por conflitos tanto sociais quanto pessoais, que são atributos normais da vida humana em comunidade os próprios conflitos que as instituições pacificadas estão interessadas em dominar (ELIAS, 1997, P.161)

Elias acredita que a vida social moderna obriga o homem a renunciar as relações fundadas no exercício da força e a construir relações fundadas no exercício da tolerância. Ou melhor, esclarece que a vida social permite o homem aprender a renunciar ao exercício da força, à violência natural e aprender a conviver de maneira pacífica. A violência é retirada do cotidiano porque o indivíduo moderno é coagido por controles emocionais, que atuam na forma de autocontroles, e controles externos. Se a violência é uma característica natural do homem, a cultura se encarrega de modificá-lo, de tirá-lo da condição do estado de natureza, e permite ao mesmo apreender o autocontrole das tensões.

Considerando as concepções de Elias o ser natural é violento, mas na vida social tem buscado cada vez mais afastar-se da condição de violência. No entanto, ao mesmo tempo em que se estabelece uma proibição do uso ilimitado da violência física, surgem os surtos descivilizadores. Elias não se debruça sobre intervenções que tentem conter esses surtos descivilizadores, muito menos propõe algum tipo de ação nesse sentido, mas ele nota que o processo civilizador não apresenta uma trajetória contínua.

As manifestações de violência continuam presentes na vida social mesmo que o processo civilizador tenha elevado os níveis de autocontrole, até mesmo porque o processo civilizador não atinge todos os estratos, pelo menos não com a mesma intensidade. Ademais, do surgimento de novos medos, inseguranças e ansiedades, por exemplo, há a possibilidade de regressão dessa fase civilizada. Mas também em contextos em que bens valorizados e escassos, como bens de consumo, prestígio, podem ser conseguidos por meio da violência, esta última pode começar a ser valorizada. A despeito das objeções, alguns falam então em uma cultura da violência.

5.2 Dispositivos de Governamentalidade

Foucault as “sociedades de governo” são sucedidas pelas sociedades de controle. As sociedades de governo são sociedades disciplinares. Nelas a disciplina é interiorizada, enquanto nas sociedades de controle a disciplina não desaparece, mas, muda a performance das instituições. Os dispositivos de poder antes restringidos aos espaços fechados dessas instituições (escolas, hospitais, família, fábrica, prisão, etc) deixam de ter limites definidos. É após a segunda guerra mundial as “sociedades de governo” definidas por Foucault (1979) são substituídas e/ou superadas pelas de controle, estas gerando crises que vão exigir reformas das formas de governo de subjetividades. Bazzo (2015) revela que

Deleuze (*id.*) afirma que, enquanto os confinamentos atuavam como “moldes” de longo prazo, os controles operam como “modulações” de curta duração, de modo que os indivíduos se veem imersos em um “estado de perpétua metaestabilidade”. Nesse processo, por exemplo, a empresa substitui a fábrica, assim como a formação permanente se instala por sobre a escola, num cenário em que a meritocracia individual passa a imperar, em detrimento do desempenho da população como massa. O sistema prisional, por sua vez, soma ao encarceramento tradicional as penas alternativas e o uso de coleiras eletrônicas de monitoramento. O sistema de saúde, por seu turno, abraça a “nova medicina”, que não cuida apenas dos enfermos, mas também dos “doentes potenciais e sujeitos a risco”. Logo, aparecem em marcha novos processos civilizadores. (BAZZO, 2015, p. 63)

A autora vê nessas novas formas de controle uma lógica que supostamente opera em sujeitos livres. O *bullying* surge de mecanismos de governamentalidade de um movimento intelectual que defende o sujeito livre, no sentido de que as tecnologias para controlar os comportamentos já não são mais de governo do indivíduo e sim tecnologias morais.

Observemos então, a discussão do *bullying* enquanto um “dispositivo” de governamentalidade. Mais uma vez é inegável que nas sociedades contemporâneas os recursos prescritos como formas de erradicação do *bullying* são mecanismos de controle disciplinar das subjetividades do indivíduo. No que diz respeito ao discurso acerca do *bullying* reproduzido nos meios de comunicação, observada por Bazzo (2015) constata

[...] que as matérias dos veículos de comunicação vêm se concentrando prioritariamente em histórias de indivíduos que, em geral, estiveram na posição de vítimas de *bullying* e possuem uma trajetória de “superação” entendida como dotada de carga noticiosa. Ao retratar esses itinerários pessoais, os relatos midiáticos enfatizam princípios típicos da governamentalidade neoliberal, como o autocontrole e a autodisciplina, os quais se revelam fundamentais à saída da condição de vitimização. A textura social dos personagens é, por conseguinte, suspensa. (p. 65).

E continua destacando que, esses veículos de comunicação impedem que a real história por trás do véu social seja descoberta de modo que

[...] os testemunhos midiáticos de vítimas de *bullying* têm ressaltado que a superação da violência pode depender apenas de investimentos advindos delas próprias. Por trás

disso, visualizam-se arranjos estatais mínimos que indicam lançar mão do “dispositivo” do *bullying* para obscurecer desigualdades e violências cuja escala, em realidade, não é individual, mas sociocultural (BAZZO, 2015, p. 66).

O autocontrole estimulado pela campanha “Conte até Dez nas Escolas” do mesmo modo opera com a ideia do arbítrio individual e obscurece desigualdades e violências que estão na raiz dos conflitos.

5.3 Dominação Social

Se observarmos o site do programa “Conte até dez nas escolas” são vários os recursos usados para civilizar aqueles implicitamente os considerados descivilizados. Diante de tais constatações são inevitáveis alguns questionamentos. Por que as pessoas não podem associar esses conflitos à dominação social que atravessa suas trajetórias de vida? Por que resolver desta forma, por meio de um auto-controle pautado numa narrativa que lhes é externa? Na cartilha eletrônica (2013) a palavra **racismo** aparece no material uma única dando voz a informação de que

No Brasil, estima-se que mais de 50% dos assassinatos sejam cometidos por motivos fúteis ou por impulso. São milhares de vidas que se vão por motivos como brigas de trânsito, rixas, desavenças, vingança, homofobia, intolerância religiosa, racismo, entre outros.

Historicamente os discursos racistas velados vêm servindo para justificar relações de dominação, à medida que naturalizam desigualdades. Como uma forma de dominação social, a campanha do programa “Conte até dez” é pensada para convencer às pessoas que a melhor forma de resolver os atos violentos é a conscientização de que deve haver uma “cultura da paz”. A introjeção dessa postura elimina alternativas de enfrentamento do problema que explicitem violências socioculturais originadas em desigualdades de poder.

Um dos recursos de “conscientização” presentes no site do programa são vídeos dos famosos lutadores de MMA, Anderson Silva, Junior Cigano, Sarah e Guilherme. No vídeo, são falas de Anderson Silva: “Eu sou capaz de deixar para lá [uma briga], minha vida vale muito mais do que qualquer briga ou discussão. No Brasil centenas de pessoas são mortas por motivos fúteis”; “Conte até dez, a raiva passa e vida fica. Paz. Essa é a atitude.” Os famosos são usados porque se entende que eles são inspiração para muitos. Inspirados em seus ídolos, os indivíduos serão incitados a pensar e a agir de maneira autocontrolada. O autocontrole diz respeito a uma reação que pode gerar uma violência física, no entanto, não devemos nos esquecer, essa violência pode ser precedida por intimidações morais, que também, infere-se, devem ser controladas em favor de uma sociabilidade civilizada.

Os discursos não abrem espaço para reflexões sobre desigualdades sociais e violências socioculturais. O discurso citado acima permite antever problemas centrais e que podem ser ocultados por fenômenos como o *bullying*: o tratamento do racismo, os conflitos interpessoais, estratificação social, questões de gênero e etc. embora essas formas de violência também apareçam como sucessão de outras violências são aparentemente consideradas de segunda ordem e colocadas como questões facilmente superáveis.

Como aponta Oliveira (2016) “a violência social passa a ser menos considerada pelas verdades nela arraigadas e mais apreciada pela encenação que a descreve, assim surge na esfera pública como um mal natural que toda sociedade deve encarar”. Do mesmo modo menciona Caetano (2007) “com suas relevâncias ignoradas e a presença de um segregacionismo organizado”..

A violência moral é operada quando alguns conflitos são classificados como *bullying*. A ênfase do material é sobre um descontrole que pode tomar a forma de violência física. Os textos são explícitos afirmando que esses descontroles muitas vezes tomam a forma do bullying, ou seja, agressões físicas e também constrangimentos e incômodos que um agressor pratica contra uma vítima continuamente exposta às ações negativas.

Na cartilha eletrônica do programa Conte Até dez nas Escolas a obra da socióloga Mirian Abramovay (2010) “Gangues, Gênero e Juventudes: donas de rocha e sujeitos cabulosos” é bibliografia sugerida para discutir o tema do terceiro roteiro de aula: “violência nas escolas e *bullying*”. No entanto, a autora define a cultura violenta de alguns grupos de jovens tentando evitar a estigmatização dos jovens de classes menos favorecidos. Entre outras coisas, esclarece que na escola

Estão aí imbricados, por outro lado, diversos tipos de violência, como a ameaça por parte dos gangueiros para com os diretores e a discriminação por parte dos diretores para com esses alunos. [...] a discriminação por racismo sofrida na própria escola, como desestímulo para frequentá-la. As repetidas violências sofridas por negros nas escolas são motivos tão ou mais recorrentes do que o pertencimento a gangues, para o desânimo com relação aos estudos (p.222-224)

Entende que a abordagem do tema da violência escolar tem passado por uma mudança de foco. Falar da mudança de foco, do modo como se trata a violência escolar é perceber que se passaram várias etapas nessa discussão. Em primeiro momento, era discutida uma violência que vinha de fora para dentro da escola, tanto pelas gangues, como pelo tráfico de drogas em que as escolas passavam a serem espaços inseguros. Em um segundo momento essa visão é ampliada, a violência não é mais discutida em sentido restrito, ou seja, apenas quando tem como resultado uma agressão física. Nesse sentido passa a ser percebida no cotidiano escolar enquanto violência institucional e/ou simbólica, engendrada pelo racismo, pela homofobia, pelos

preconceitos contra as pessoas mais pobres. A obra da autora abre espaço para que a própria discussão do conflito percebido como *bullying* seja problematizada.

Segundo as autoras Abramovay e Rua (2002) as discussões atuais estão voltadas para uma violência simbólica-institucional em que a própria instituição termina por produzir as suas próprias violências: o ensino por desprazer que obriga os jovens aprender conteúdos alheios aos seus interesses; jovens sendo expulsos da escola; violência das relações de poder entre professor e aluno; alunos evadindo e repetindo o ano. Portanto, é fundamental entender qual o vínculo relacional da violência com a situação da sociedade, com as desigualdades, formas de dominação, normas de vida coletiva e as práticas de ensino ligadas à organização institucional.

A campanha de algum modo procura dialogar com a perspectiva da socióloga Abramovay (2010), para quem a escola tem uma cultura própria e central que vem se estabelecendo de século para século, demonstrando a forma como

Os impactos mais marcantes da vida escolar dos jovens muitas vezes vêm de seus colegas, e pouco referem a papéis significativos em suas vidas por professores ou conhecimentos ministrados na escola. A relação dos alunos com a escola tem afinidade com seu cotidiano e suas experiências na escola, muitas vezes, não estimulam expectativas relacionadas à aprendizagem, a socialização e a novos tipos de convivência, distanciando saberes construídos de saberes em uso. (ABRAMOVAY, 2010, p.226)

A escola, conclui Abramovay, não mudou no mesmo ritmo da sociedade e dos adolescentes. Estes mudaram muito, de modo que restou uma falta de entrosamento, de conhecimento, de compreensão, de diálogo entre os adultos e jovens, entre as famílias e a escola. Esse descompasso exige atenção, pois há embate entre a cultura escolar e juvenil. Então, tentando evitar a estigmatização de jovens menos favorecidos Bazzo (2010) questiona

Como pensar a construção das subjetividades e da sociabilidade de jovens que desde muito cedo são rotulados e sobrevivem através, e apesar dos clichês, dos estereótipos de pobres, negros e/ou perigosos? (ABRAMOVAY, 2010, p. 40).

A pesquisadora se debruçou sobre a cultura específica, a cultura de rua dos brasileiros, a cultura da violência e uma violência como forma de linguagem e sociabilidades dos jovens integrantes de “gangues”, a partir de depoimentos sobre a entrada e afastamento da “gangueragem”. Os jovens das gangues trazem consigo modos de pensar, falar, atuar formas de vestir, uma cultura juvenil própria. Mas estar nas “gangues” não significa ser violento. Sobre esse contra senso afirma Abramovay (2010): “É senso comum associar os jovens à rebeldia. Condição esta que é acirrada quando alguns grupos juvenis expressam atitudes que podem ressignificar normas e padrões sociais vigentes, como no caso das gangues (p. 48)”. É verdade que

esses jovens das “guangues” a qual Abramovay (2010) buscam inserção e reconhecimento social, mesmo que em algumas ocasiões isso seja alcançado por meio de atos considerados violentos.

Mas, o programa Conte Até dez nas Escolas acaba abrindo espaço para uma generalização perigosa, pois, há três pontos chaves que definem sua lógica: primeiro, um número elevado de assassinatos é motivado por motivos banais; segundo, isso ocorre em razão de uma cultura violenta e terceiro vamos então, cultivar uma cultura da paz (consta na frase “Paz. Essa é a atitude” na página *Home do site*).

Está implícita a ideia de que a cultura violenta é dos grupos menos favorecidos, prova disso é que as manifestações culturais de que se apropriam os idealizadores da formação a fim de se aproximarem dos jovens é Hip-hop e o Hip-Hop, como sabemos, é uma manifestação popular. Cabe então a interrogação: será que o estudo da Miriam Abramovay é devidamente apropriado e permite inferir que alguns grupos precisam ser civilizados? Parece-nos que não. Porque contextos diversos são lidos como marcados pela suposta cultura da violência e essa leitura justifica uma intervenção “civilizatória”.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desenvolvimento deste trabalho me possibilitou uma série de reflexões a partir da análise de práticas sociais como o *bullying* no processo de ocultação de relações de poder nas relações pessoais e conflitos.

Ao estudar o conteúdo do referido *site*, observa-se que expressões como “etnia”, “*bullying*”, “preconceito” aparecem uma única vez, e a palavra “respeito” nove vezes. Palavras que remetem à dominação social a que os indivíduos estão submetidos cotidianamente sejam elas gêneros, raça, poderiam aparecer com maior frequência e serem contextualizadas de forma a levantar debates, sem mascaramento da realidade, mas há espaço para reflexões que garantam emancipação.

A principal conclusão do trabalho é a confirmação do que Bazzo (2018) afirma em sua tese de Doutorado que os agenciamentos do *bullying* ora desmascaram “violências simbólicas” que podem existir a séculos, ora o ocultam e embaralham a percepção de violências. Discursos operados por meio do vocábulo *bullying* encontram-se amarrados em dispositivos de governogestão que incentivam o autocontrole e a responsabilidade dos sujeitos no combate à violência. No entanto, o dispositivo *bullying* é contraditório no papel de controlar a violência moral porque agencia várias formas de violência.

É admissível que o resultado desta investigação possa vir a ter alterações com o passar do tempo, pois, ainda há um longo caminho a ser percorrido. Portanto, esta produção, que será apresentada a população em geral, à acadêmica, e a todas as pessoas a quem essas reflexões possam vir a interessar, estará acessível não para persuadir, conquistar, ou aprisionar apenas a estas, mas, para estimular e contribuir nos debates e pesquisas sobre o assunto.

E assim avalio por finalizada essa contribuição.

REFERÊNCIAS

- ABRAMOVAY, Miriam . **Gangues, Gênero e Juventudes: Donas de Rocha e Sujeitos Cabulosos**. Secretaria dos Direitos Humanos. 1 ed. Brasília, 2010.
- ABRAMOVAY, Miriam; RUA, Maria das Graças. **Violências nas escolas**. Brasília: UNESCO, Instituto Ayrton Senna, UNAIDS, Banco Mundial, USAID, Fundação Ford, CONSED, UN-DIME, 2002.
- BAZZO, Juliane. **‘Agora tudo é bullying’**: uma mirada antropológica sobre a agência de uma categoria de acusação no cotidiano brasileiro. Porto Alegre,RS:UFRGS, 2018. Originalmente apresentada com tese de doutorado, Universidade Federal do Rio Grande do Sul,2018.
- _____. A agência da noção de bullying no contexto brasileiro a partir da etnografia de uma experiência escolar. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 23, n. 49, p. 203-231, set./dez. 2017.
- _____. Uma reflexão sobre bullying e governamentalidade a partir de três narrativas de ficção. Campos. **Revista de Antropologia**, Paraná, 16(1): 52-74, 2015.
- CAETANO, Henrique Paulo. **A palavra-chave racismo e suas lexicais**: uma análise crítica dos discursos sobre relações raciais brasileiras em corpus de jornal impresso. Belo Horizonte,MG: UFMG, 2007. Originalmente apresentada como tese de doutorado, Universidade Federal de Minas Gerais,2007.
- CARNEIRO, Júlia Dias. Tragédia em Goiânia: massacres de Columbine e Realengo despertaram em adolescente 'interesse em matar', diz delegado. **UOL Notícias**, Rio de Janeiro 20/10/2017. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/bbc/2017/10/20/tragedia-em-goiania-massacres-de-columbine-e-realengo-inspiraram-adolescente-diz-delegado.htm> Acesso em: 03 de Maio de 2018.
- COSTA, Maria Emília; VALE Dulce. A violência nas escolas. Lisboa: **Ciências da Educação**, 1998.
- Conselho Nacional do Ministério Público. **Conte Até Dez Nas Escolas**. Disponível em: <http://www.cnmp.mp.br/conteate10/> Acesso em: 02/10/2018.
- ELIAS, N. **O processo civilizador**: uma história dos costumes. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1994. v. I.

ELIAS, Norbert. **Os alemães: a luta pelo poder e a evolução do habitus nos séculos XIX e XX.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1997.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade 1: a vontade de saber.** Rio de Janeiro, Edições Graal, 1988.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder.** Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

G1, Rio de Janeiro. Como foi a tragédia em Realengo: Polícia vai investigar rede de contatos de atirador que matou 12 no Rio: caso foi na quinta, 7, em escola na Zona Oeste do Rio. **G1.** Rio de Janeiro e em São Paulo, 20 de Abril de 2011. Disponível em: <http://g1.globo.com/Tragedia-em-Realengo/noticia/2011/04/como-foi-tragedia-em-realengo.html> Acesso em 30 de Abril de 2018.

Kamel, Ali. Massacre em realengo: um massacre contra adolescentes numa escola municipal no Rio de Janeiro deixou o Brasil e o mundo perplexos na manhã de sete de abril de 2011. **Portal Memória Globo.** Disponível em <http://memoriaglobo.globo.com/programas/jornalismo/coberturas/massacre-em-realengo/fantastico.htm> Acesso em: 30 de Abril de 2018.

LIMA DE, Josélia. Projeto "Conte até 10" capacita educadores tocantinenses para promoção da paz nas escolas. **Secretaria Especial de Comunicação Social.** Tocantins 24/09/2014. Disponível em <https://secom.to.gov.br/noticias/projeto-conte-ate-10-capacita-educadores-tocantinenses-para-promocao-da-paz-nas-escolas-196891/> Acesso em: 19 de Outubro de 2018.

MARFON, Giovanna; SCHEINVAR, Estela; NASCIMENTO, L.Maria. Conflitos enquadrados como bullying: categoria que aumenta tensões e impossibilita análises. **Psicologia Clínica.** Rio de Janeiro, vol. 26, n.2, p. 87-104, 2014.

MARRIEL, Lucimar Câmara, et al. Violência escolar e autoestima de adolescentes. **Cadernos de Pesquisa,** v. 36, n. 127, p. 35-50, jan./abr. 2006.

Michel. **Microfísica do poder.** Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

MOTA, Diana Núbia. Educação e Ministério Público iniciam formação do programa Conte até 10. **Portal Tocantins,** Tocantins 24/04/2017. Disponível em <https://portal.to.gov.br/noticia/2017/4/24/educacao-e-ministerio-publico-iniciam-formacao-do-programa-conte-ate-10/> Acesso em: 16 de Outubro de 2018.

OLIVEIRA, Renan Theodoro De. **Banalidades e briga de bar**: Estudo sobre conflitos interpessoais com desfechos fatais (São Paulo 1991- 1997). São Paulo, USP,2016. Originalmente apresentada como tese de estrado, São Paulo, Universidade de São Paulo,2018.

PIGOZI, L.Pamela. MACHADO, L.Ana. Bullying na adolescência: visão panorâmica no Brasil. **Ciência & Saúde Coletiva**, 2015.

RAMALHO, Thaís. “Conte até 10” inicia aulas nesta terça-feira, na modalidade EAD. **Secretaria de educação do Tocantins**, Tocantins 22/09/2015. Disponível em <https://se-duc.to.gov.br/noticia/2015/9/22/conte-ate-10-inicia-aulas-nesta-terca-feira-na-modalidade-ead/> Acesso em: 16 de Outubro de 2018.

RESENDE, Paula. Estudante de 14 anos disparou na sala de aula do 8º ano, no Colégio Goyases. Tiros deixaram dois alunos mortos e quatro feridos. **G1**, Goiás 21/10/2017. Disponível em <https://g1.globo.com/goias/noticia/veja-o-que-se-sabe-sobre-o-atentado-em-colegio-de-goiania.ghtml> Acesso em: 03 de Maio de 2018.

ROSE, Nikolas. **Inventando nossos selfs**: psicologia, poder e subjetividade. Petrópolis: Vozes, 2011.

SOARES, Denise. Programa “Conte até 10 nas escolas” abre inscrições para capacitação de professores. **Portal Ministério público Estado do Tocantins**. Tocantins 27/08/2015. Disponível em <https://mpto.mp.br/web/portal/2015/08/27/programa-conte-ate-10-nas-escolas-abre-inscricoes-para-capacitacao-de-professores> Acesso em: 18 de Outubro de 2018.

SOUSA, Kátia Menezes de. **A construção das verdades na condução das condutas dos brasileiros, a intolerância como forma de resistência e o precipitar dos acontecimentos discursivos**. Cadernos Discursivos, Catalão-GO, v. 1 n 1, p.56-76, 2018. (ISSN: 2317-1006 - online)

SOUSA, Kátia Menezes de. In: (Org.) TASSO, Ismara.; NAVARRO, Pedro. Discurso e biopolítica na sociedade de controle. In: **Produção de identidades e processos de subjetivação em práticas discursivas**. Maringá: Eduem, 2012. P. 41-55.

TABAK, Bernardo. A escola é maior do que o massacre que ocorreu , diz ex-aluno. Previsão é de que a escola seja reaberta na segunda-feira (18). **G1,Rio de Janeiro 16/04/2011**.Disponível em <http://g1.globo.com/Tragedia-em-Realengo/noticia/2011/04/voluntarios-e-ex-alunos-pintam-de-branco-muro-de-escola-em-realengo.html> Acesso em: 30 de Abril de 2018.

VELASCO, Murilo; SANTANA, Vitor. Justiça decide manter internação de menor que matou dois colegas e feriu quatro em escola de Goiânia. **G1 Goiás**, Goiânia 28/11/2017. Disponível

em: <https://g1.globo.com/go/goias/noticia/justica-ouve-testemunhas-de-tiros-que-mataram-dois-alunos-e-feriram-4-em-colegio-de-goiania.ghtml> Acesso em: 20 de Agosto de 2018.

VELEZ, Maria Fernanda Pardaleiro (2010). **Indisciplina e violência na escola: fatores de risco – um Estudo com alunos do 8º e 10º anos de escolaridade**. Lisboa, POR: ULISBOA, 2010. Originalmente apresentada como dissertação de mestrado, Instituto de educação da Universidade de Lisboa.

VIANA, Gabriela et al. Ataque a tiros em escola de Goiânia deixa dois mortos e feridos. **O Globo**, Goiânia 20/10/2017. Disponível em <https://oglobo.globo.com/brasil/ataque-tiros-em-escola-de-goiania-deixa-dois-mortos-feridos-21972229> Acesso em: 03 de Maio de 2018.